

Na contramão do país, SP vê crescer indigência e pobreza

COMOTIVA EM PANE Apesar de ter o 2º menor percentual de indigentes, Estado é um dos poucos a enfrentarem o aumento desse índice

MARIO CESAR CARVALHO
DA REPORTAGEM LOCAL

Se São Paulo é a locomotiva do Brasil, como gostam de apregoar os ufanistas, então o motor da máquina está precisando de reparos. O Estado mais rico da nação, com um índice de desenvolvimento humano similar ao de um país produtor de petróleo como o Kuwait, é também aquele em que ocorreu o maior crescimento de indigentes e de crianças indigentes entre 1991 e 2000, como mostra o "Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil - 2003". O aumento foi de 52,3% e 63,8%, respectivamente.

Na redução da indigência e da pobreza, São Paulo está na contramão do Brasil. Nesse mesmo período, a proporção de indigentes no país caiu 19,4%; eles eram 20,24% da população em 1991 e passaram a ser 16,32% em 2000. Indigente, segundo os critérios do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), são os que sobrevivem com uma renda per capita inferior a R\$ 37,75.

Além de São Paulo, houve aumento da indigência e da pobreza em só dois Estados (Amapá e Amazonas) e no Distrito Federal. Mesmo com o aumento, o Estado em o segundo com o menor percentual de indigentes — 5,94%, contra 5,92% em Santa Catarina. No quesito pobreza, São Paulo tem a menor proporção do país em 2001 (14,37%).

Na cidade de São Paulo, suposto motor da locomotiva, o crescimento da miséria na década passada foi ainda pior: a proporção de indigentes saltou 88% e o de pobres cresceu 51%. Foi por causa da queda de renda e de qualidade na educação que a cidade caiu do segundo para o quinto posto no ranking das 13 cidades com mais de 1 milhão de habitantes: São Paulo agora está atrás de Porto Alegre, Curitiba, Brasília e Rio.

A pergunta óbvia é: o que ocorreu com a locomotiva que produz riqueza desde o final do século 19? Entrou em decadência?

Males da globalização

São Paulo aumentou a produção de pobreza de miséria e pobreza por causa de três fatores, segundo o economista Marcio Pochmann, 41, professor da Unicamp e secretário do Trabalho da prefeitura paulistana: a globaliza-

ção afetou mais as cidades industrializadas, o ajuste fiscal promoveu uma "derrama" nas cidades mais ricas e a reforma administrativa cortou empregos públicos na cidade.

Três números ilustram a queda da cidade, segundo Pochmann.

- 1) Em 1991, de cada R\$ 10 arrecadados na cidade, R\$ 2 ficavam nela. Dez anos depois, para o mesmo valor coletado, só R\$ 0,95 permanecem em São Paulo. O restante foi para o governo federal;
- 2) O orçamento paulistano, de R\$ 17 bilhões em 1992, caiu para R\$ 11 bilhões neste ano;
- 3) A carga tributária bruta na cidade, que correspondia a 26,8% de todas as riquezas produzidas em 1991, subiu para 52,2% em 2001. O culpado pelo aumento, segundo Pochmann, foram tributos e taxas federais, como o CPMF e o Cofins.

Então é a decadência?

"São Paulo não está decadente", responde Pochmann. "O problema é que o conjunto de reformas neoliberais tirou recursos da cidade justamente no momento em que ela precisava de mais dinheiro porque a pobreza aumentava."

O economista Marcelo Neri, 40, professor da Fundação Getúlio Vargas no Rio, diz que faz parte da idéia de justiça social o fato de as cidades mais ricas financiarem os programas sociais das áreas mais pobres, mas vê pontos positivos na abertura da economia: "No longo prazo, a globalização pode ser benéfica por reduzir custos e melhorar a competitividade. O pior já passou".

Análises feitas por José Carlos Libânio, 45, assessor para o desenvolvimento humano do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), apontam uma face dupla da pobreza: "Há uma face interiorana, rural, principalmente no semi-árido do Nordeste, e outra na periferia das grandes cidades. O 'Atlas' que fizemos permite uma tomografia dessas situações bem diferentes".

A região metropolitana de São Paulo é um desses casos agudos. Ela concentra 52% dos indigentes e 47% dos pobres do Estado, segundo Libânio. Por um desses mistérios, os governos não têm olhos para a miséria urbana. Há dezenas de Guaribas na Grande São Paulo, mas o Fome Zero decidiu construir o seu símbolo na Guaribas do interior do Piauí.